



Exmos. Senhores

Presidentes das Câmaras Municipais de

Amarante, Marco de Canaveses, Resende e Cinfães

Exmos. Senhores Presidentes das Assembleias Municipais

Exmos. senhores autarcas de freguesia,

Exmos. Senhores representantes do

Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural

Exmos. Senhores representantes das instituições representativas

Da sociedade civil, nos seus âmbitos sociais, económicos, culturais e políticos,

Exmos. Representantes da comunicação social local, regional e nacional,

Minhas senhoras e meus senhores,

Gostaria, em primeiro lugar, de destacar e de agradecer, em meu nome e de todos os membros dos corpos sociais, a todos aqueles que há mais de catorze anos, mobilizados por um conjunto de princípios e de valores relativos ao desenvolvimento local e regional, se entregaram à constituição e dinamização da Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega – Dólmen. Enquanto novos responsáveis por esta entidade para os próximos cinco anos, devemos publicamente reconhecer e enaltecer a entrega e o esforço de todos quantos, ao longo destes

anos, a ela se dedicaram. E é devido o reconhecimento público aos seus sócios fundadores: Dr. Rolando Pimenta (Economista); Prof.^a Dulce da Conceição Ferreira Ramos (Empresária); senhor Joaquim Pinto Pereira Henrique (Empresário); Dra. Daniela Maria Miranda de Amorim (Professora); senhor Artur Manuel Moreira Teixeira (Empresário); Eng.^o Vítor Manuel Gonçalves de Abreu e Naia (Professor); Prof. Carlos Alberto Martins de Carvalho (Professor); Prof. Jorge Manuel de Sousa Costa (Professor); Padre António de Freitas Carvalho.

Este foi o núcleo fundador que conseguiu agregar a si um vasto conjunto de outros associados públicos e privados em representação de um tecido social e económico que carecia de um pensamento e de uma acção em favor da melhoria das condições de vida das populações deste território. Conseguiu trazer até si entidades como a Cooperativa Agrícola do Marco de Canaveses (Coopermarco); a Associação de Criadores de Gado de Baião e Marco (Acribaimar); a Associação Nacional de Criadores de Raça Arouquesa (ANCRA); a Cooperativa Cultural de Baião “Fonte do Mel”; a Associação de Freguesias da Aboboreira e Marão (ABOMARÃO); a Obra do Bem-Estar Rural (OBER), o Grupo de Apoio ao Desenvolvimento da Teixeira, a Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Marco de Canaveses, a Associação Cultural e Recreativa de Santa Cruz do Douro, a Cooperativa Agrícola de Baião e as Câmaras do Marco de Canaveses e de Baião. Estes são apenas alguns exemplos do envolvimento conseguido dos parceiros do desenvolvimento local por parte dos dinâmicos fundadores e dirigentes da Dólmen. A tarefa que foi empreendida e os projectos concretizados ao longo

destes anos é digna do reconhecimento e do agradecimento públicos.

Muito obrigados!

Minhas senhoras e meus senhores,

Depois desta palavra de agradecimento aos fundadores e construtores desta Cooperativa importa esclarecer e tornar públicos a razão de ser de estarmos aqui, a assumir esta responsabilidade, e os nossos propósitos em relação ao futuro.

Neste sentido, quero recordar aos presentes que a Dólmen é, em primeiro lugar, uma instituição criada com o objectivo de promover o desenvolvimento local, nas suas dimensões da *“Educação, Formação, Consultadoria e realização de Estudos Sócio-Económicos”* e ainda de contribuir para a promoção deste território *“através de actividades de apoio ao turismo e ao artesanato”*. Como facilmente se compreende, muitos destes objectivos também estão inscritos na matriz das atribuições e competências das autarquias locais, quer de freguesia, quer municipais. Esta é a essência da nossa presença aqui, Câmara Municipal de Baião e Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Em breve, teremos o gosto de contar com a presença dos associados, C.M. de Amarante, Resende e Cinfães.

A convite do Dr. Rolando Pimenta, anterior Presidente da Direcção e futuro «coordenador executivo» - grande espírito desta instituição -, aceitei, num quadro de amplo consenso, entregar mais algum do meu esforço ao serviço público local e regional e à vida

desta instituição, um dos instrumentos ao serviço desse desenvolvimento. Agradeço, pois, o convite e a cooperação manifestada por todos os anteriores dirigentes. Agradeço também a disponibilidade de todos os que aceitaram integrar esta equipa e que se propõem servir o interesse colectivo.

Minhas senhoras e meus senhores,

A cooperativa «Dólmén», no seu percurso de catorze anos, conseguiu afirmar-se também como parceira do Ministério da Agricultura na gestão do programa comunitário «Leader», instrumento este destinado a promover e a apoiar as iniciativas públicas e privadas relacionadas com o desenvolvimento do mundo rural. Contudo, sublinho, esta é apenas uma das dimensões da «Dólmén». Daí que uma das nossas preocupações primeiras, enquanto associados e cidadãos, deverá estar concentrada na salvaguarda da Cooperativa enquanto estrutura associativa, agregadora de várias entidades públicas e privadas, que, no seu quotidiano, contribuam para o desenvolvimento local e regional. Ou seja: no nosso entendimento e no nosso propósito, a Cooperativa Dólmén deverá trabalhar com um sentido estratégico: **ter vida para além dos fundos comunitários.**

De facto, os problemas, as oportunidades e os desafios do nosso tempo são muitos e profundos e uma entidade com estas características – espírito cooperativo; com afirmação do princípio da igualdade entre os seus membros, consubstanciado no princípio um (a) homem/entidade, um voto; que visa a promoção da educação,

da formação, da cultura e do desenvolvimento económico – faz falta à nossa região.

Este é o nosso maior propósito: **provar que a «Dólmén» pode sobreviver para além dos quadros comunitários de apoio.** Com este objectivo, propomo-nos fazer o seguinte caminho:

- primeiro, procurar **alargar o âmbito territorial e institucional** da cooperativa convidando novas entidades públicas e privadas para aderirem à Dólmén. Concretizando esta finalidade, estaremos a contribuir para aprofundar o grau de participação da sociedade civil na vida da instituição. Com esta abertura, qualificar-se-á a vida democrática, a transparência no seu interior e estaremos a produzir sinais positivos para a região. Neste momento, já podemos dizer que, desde a nossa eleição, a 27 de Dezembro, já recebemos a intenção de adesão de vinte novos associados;

- segundo, nos próximos dias será preparado um **plano de formação** a submeter às entidades públicas e privadas que tenha a seguinte preocupação: preparar os técnicos municipais e os agentes do desenvolvimento local, públicos e privados (Câmaras, Juntas de Freguesia; Casas de Turismo Rural e de Habitação; Restaurantes e Pontos de Contacto com os Turistas). Deve ser-lhes prestado um serviço de formação que qualifique as pessoas para um conhecimento geral da nossa cultura e identidade, numa perspectiva dinâmica de unidade e diversidade, com destaque para as questões do património regional, tanto material como imaterial, bem como formação relacionada com as linhas de orientação do

Quadro de Referência Estratégico Nacional – QREN, do Programa de Desenvolvimento Rural e do Programa Leader;

- terceiro, entendemos que a «Dólmen» possui características e condições para se afirmar como um **Centro de Estudos do Mundo Rural (CEMR)**, com acções de recolha, sistematização e investigação. A Dólmen poderá criar e actualizar um corpo de conhecimento sobre a região que esteja disponível aos agentes públicos e privados. Neste sentido, deve procurar articular a sua acção com a Universidade, nomeadamente com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD);

- quarto, atendendo a que a cooperativa já possui uma **Central de Reservas** em funcionamento e dado que possuímos a noção de que já existe uma oferta de eventos, serviços e equipamentos com algum significado na região, embora com ausência de uma entidade que assuma uma função de eixo articulador entre a oferta e a procura, a Dólmen deverá adquirir competência para se afirmar como **Operador Turístico** na região;

- quinto, pretendemos constituir um **Fundo de Reserva Financeiro** destinado a garantir futuro e estabilidade ao corpo técnico da instituição e a promover os investimentos necessários no futuro. Queremos, naturalmente, que os nossos associados participem activamente neste processo. Quer na criação do «corpo de conhecimento e saber», quer na constituição e actualização do fundo de reserva.

Todos temos que interiorizar que a instituição será aquilo que quisermos. Depende do contributo que cada uma e cada um lhe quiser prestar.

Minhas senhoras e meus senhores,

Naturalmente que Dólmen tem na sua ambição continuar a ser um dos parceiros do Ministério da Agricultura mais dinâmicos na gestão do programa Leader. Para esse efeito, teremos que contar com a colaboração activa e construtiva dos associados e de todas as estruturas públicas e privadas do nosso tecido regional. A tarefa é imensa, tantos são os constrangimentos.

De facto, os actuais quadros nacional e europeu de desenvolvimento apontam, de forma clara, para os princípios de uma reorganização e responsabilização de cariz regional e local. Temos que ser nós a assumir as nossas responsabilidades individuais e colectivas.

Das fontes de informação ao nosso dispor, que apoiam as acções a propor, (INE - 2005), e do “Programa de Acção Intermunicipal de Serviços Colectivos de Proximidade 2007-2013 Tâmega”, há unanimidade em salientar que a região do Tâmega e Douro Sul está em franca desvantagem em relação ao resto do país, sofrendo de um conjunto de problemas intrínsecos e de difícil resolução, nomeadamente:

- Desertificação,
- Envelhecimento da população,
- Dispersão geográfica,

- Baixa capacidade industrial, e de atracção de investimentos,
- Desemprego,
- Custos sociais elevados
- Falta de agilidade administrativa
- Escasso aproveitamento dos seus recursos e dos apoios externos (Governo e Europa).

Neste momento iremos, regionalmente, poder usufruir de um conjunto de apoios que importa aproveitar, tendo como lema base:

- A criação de estruturas operacionais ágeis, sustentáveis e sustentadas
- Aumentar a participação da população no esforço, visando a criação de riqueza, ou seja postos de trabalho, com remunerações adequadas e que consigam inverter o ciclo de esvaziamento local, que melhorem a qualidade de vida em geral
- O incremento dos níveis de formação e de qualificação médios da população local
- A mudança, ou construção, de uma imagem regional que seja o reflexo real das suas gentes, no quadro nacional.

O nosso território não tem vocação industrial, mas possui um conjunto de valências naturais específicas, que se crê poderem servir de base para a mutação do seu paradigma produtivo e social.

Existe, tradicionalmente, uma boa componente agro-florestal, e um potencial de excelência turístico, que são os elementos de partida, numa lógica intermunicipal.

É com gosto que tornamos públicas algumas das ideias estratégicas que esta equipa quer ver introduzidas no Plano de Desenvolvimento Local (PDL), plano esse que orientará a aplicação dos fundos comunitários nas iniciativas de desenvolvimento.

1. TURISMO

O Turismo é hoje uma das grandes fontes de receitas de muitos países e regiões, desde que devidamente reflectido, construído e divulgado:

1. a estratégia para o turismo deve ser enquadrada numa lógica intermunicipal, de oferta múltipla, de partilha de custos e benefícios, e de complementaridade de oferta de eventos, serviços e equipamentos;

2. por outro lado, deve ser criada a imagem comum da região, com base nos nossos traços culturais e identitários;

3. têm que ser valorizadas as acções públicas ou privadas que tenham por objectivo qualificar e valorizar o património ambiental, histórico e cultural das localidades, numa base de qualificação do território e da paisagem;

4. é imperativo aproveitar o *efeito “Douro”* em termos de imagem externa, pois a oferta cultural e lúdica que propicia, atrai um tipo de turismo diferenciado, logo potenciador de gastos superiores. Além disso, o «Douro» constitui, de facto, a “marca” com projecção

internacional da região e deve ser a porta de entrada no Baixo Tâmega;

5. nesta estratégia de aproveitamento da imagem «Douro», devemos privilegiar as acções que contribuam para aproveitar e valorizar a história e o património associados ao caminho-de-ferro e ao transporte ferroviário, bem como ao transporte fluvial;

6. devemos ter como mercados-alvo da estratégia de promoção e divulgação, a Área Metropolitana do Porto, a região de Braga, Galiza e Castela/Leão;

7. o eixo Alvão/Marão/Aboboreira/Montemuro constitui o solar de duas raças autóctones, a raça Maronesa e a raça Arouquesa. Neste espaço vivem populações rurais que desempenham um papel fundamental na preservação da paisagem e sustentabilidade ambiental e na valorização de uma memória colectiva de usos, costumes e tradições. Por estes motivos, pretendemos lutar junto do Ministério da Agricultura pela criação de uma **Intervenção Territorial Integrada**.

8. em virtude do esvaziamento da região, da baixa de rendimentos do sector agrícola, da fuga das populações da agricultura, hoje existem várias aldeias que estão vazias, ou quase sem habitantes. Deveremos pois incentivar e apoiar as iniciativas públicas e privadas que tenham por objectivo recuperar casas tradicionais de aldeia e/ou de lugares típicos/tradicionais com vista à sua transformação em zonas turísticas com potencial histórico, cultural, social e económico;

Partindo deste conjunto de pressupostos, deveremos procurar orientar a estratégia de aplicação dos próximos fundos comunitários para os seguintes vectores em termos do turismo:

- turismo de rio;
- para o turismo de montanha;
- para o turismo histórico e cultural;
- para o turismo de saúde;
- para o turismo de passeio, de curta, média ou longa duração, numa lógica de *itinerários* e de *roteiros* (desenvolvendo um conjunto de trajectos para serem realizados de várias formas, e com ofertas complementares dispare, tais como alojamento, restauração e animação, que incentive o turista a repetir a experiência);
- para o turismo de natureza: estando o ambiente na ordem do dia mundial, a definição de um conjunto de regiões protegidas e acessíveis aos amantes da natureza e sua observação, e vivência, pode constituir outro tipo de elemento turístico. A ideia subjacente é a da lenta mentalização para a preservação de espécies e do património natural que a região encerra. A Serra da Aboboreira é um exemplar que pode permitir esse tipo de turismo, de forma controlada e estruturada.
- para o turismo gastronómico: com destaque para os vinhos, as carnes, as frutas e a doçaria tradicional;

Outro sector que deve merecer apoio e incentivo é o do Agro-Florestal.

2. AGRO-FLORESTAL

A agricultura e a floresta são o primeiro garante de subsistência da população local, embora esteja em perda. Devemos, pois, concentrar os nossos esforços em termos de Plano de Desenvolvimento Local, financiado pelo Leader.

Devemos apostar numa estratégia que se centre na reorganização da propriedade e das estruturas produtivas e que valorize as especificidades e procure garantir e certificar a qualidade dos produtos locais.

Na definição desta estratégia e na ponderação das futuras candidaturas deveremos ter em conta alguns factores, tais como:

- a dimensão dos projectos de intervenção no domínio agro-florestal, procurando favorecer a agregação dos produtores (por exemplo, no caso dos vinhos e das carnes) com vista a ganharem a escala e a capacidade para penetrarem no mercado;
- a renovação da camada empresarial (ou antes o seu rejuvenescimento) quer:
 - em termos etários, quer
 - em termos do conhecimento técnico e científico,
 - na forma de aceder aos mercados (nacional e internacional), fazendo um marketing estruturado.

- o tipo de produtos e sua especificidade, entre os quais salientamos os
 - vinhos;
 - as carnes;
 - as frutas;
 - os produtos florestais;
 - os aromáticos;
 - os medicinais;
 - os florícolas
 - as essências de espécies locais (pinho, eucalipto, outros,...)
- a forma como se produzem os serviços e bens:
 - valorizar o grau de incorporação técnica/tecnológica;
 - valorizar a sustentabilidade ambiental e económica e financeira;
 - valorizar o retorno cultural e social;
 - valorizar a dimensão das parcerias públicas, associativas privadas, e público-privadas.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estas são as orientações estratégicas que nos propomos seguir no âmbito da Cooperativa Dólmén. Sei que são metas ambiciosas. Tenho, porém, a convicção de que é um caminho possível. Não é um caminho que queiramos percorrer sozinhos. Mesmo que o desejássemos, também não o conseguiríamos. Mas, estou plenamente convencido de que se as autarquias de freguesia, os municípios, os investidores privados e a sociedade civil quiser, alcançaremos estes e outros propósitos.

Apenas temos uma finalidade: garantir a viabilidade do nosso futuro em termos de qualidade de vida e de bem-estar e promover a solidariedade e a coesão social territorial.

Contamos com todos!

Bem haja.

Baião, 11 de Janeiro de 2008.

O Presidente da Direcção



José Luís carneiro